

DAYSE CRISTINA SANTIAGO

**INVESTIGAÇÕES SOBRE SINCRONIAS ENTRE A
CULTURA POPULAR BRASILEIRA E A PEDAGOGIA
WALDORF**

FLORIANÓPOLIS, SC

2008

DAYSE CRISTINA SANTIAGO

**INVESTIGAÇÕES SOBRE SINCRONIAS ENTRE A
CULTURA POPULAR BRASILEIRA E A PEDAGOGIA
WALDORF**

**Trabalho apresentado para a finalização da Formação de
Professores em Pedagogia Waldorf**

FLORIANÓPOLIS,SC

2008

Este trabalho é dedicado ao meu filho querido Benedito; à minha família; aos mestres populares que muito me ensinaram sobre minha cultura e sobre mim mesma; à Marta Teixeira, fonte de apoio e dedicação; a São João, meu guia protetor, inspirador para a realização deste trabalho.

ÍNDICE

1. APRESENTAÇÃO

2. INTRODUÇÃO

3. FOLCLORE X CULTURA POPULAR: o pensar, o sentir e o agir do homem

Onde vive a cultura popular em nossa alma e o que ela nos trás como vivência?

4. ATIVIDADES ANÍMICAS: o pensar, o sentir e o agir do homem

4.1 Onde vive a cultura popular em nossa alma e o que ela nos trás como vivência?

5.ESPÍRITO DOS POVOS X ESPÍRITOS DE ÉPOCAS

Os seres espirituais superiores

5.1 O corpo etérico dos Espíritos dos Povos e dos seres humanos

5.2 A aureola particular de um povo

5.3 Espíritos dos Povos X Espíritos de Forma

5.4 De como os seres humanos estão envolvidos no trabalho dos Espíritos dos Povos

5.5 Por uma autocognição étnica brasileira

6.ANIMA BRASILIS: A formação étnica brasileira para compreensão da sua formação cultural e da alma deste país

5.6 Formação étnica brasileira

5.7 Religiosidade brasileira

5.8 Reconhecimento cultural

7.CONCLUSÃO

7.1 Considerações finais

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8.1 Livros

8.2 Textos

8.3 Sítios da Internet

8.4 Outros

1.APRESENTAÇÃO

O trabalho aqui apresentado pretende investigar sincronias entre a cultura popular brasileira e a pedagogia waldorf, a partir do estudo da formação étnica e cultural brasileira e da antroposofia, ciência espiritual elaborada por Rudolf Steiner, em 1912.

O que é a cultura popular, e o que me traz na vivência da alma? Qual necessidade de reconhecer a importância da formação étnica e cultural brasileira para acessarmos o Espírito do Povo (Espírito Nacional) a nossa alma, tornando também o Espírito das Épocas mais vivo e sensível a nossa consciência? Qual a importância de uma autocognição de etnia, e qual sua influência a um processo pedagógico? Este trabalho procura sincronias entre estas questões.

2. INTRODUÇÃO

A cultura popular é diversamente discutida diante da variação das definições sobre os termos "cultura" e "povo". Estudada por antropólogos, sociólogos, artistas, e outros das mais diversas áreas, cabe aqui defini-la como os modos de agir, sentir e pensar de um povo, ou seja, tudo o que diz respeito ao material e imaterial de uma mesma comunidade étnica. Tal conceito está expresso de forma a abarcar diferentes pontos de vistas, considerando que muito se sabe sobre a cultura do povo, mas pouco deste conhecimento está deveras harmonizado.

Visto que o presente trabalho está direcionado a buscar princípios de sincronias entre a cultura popular brasileira e a pedagogia waldorf, tornou-se fundamental um olhar a partir da Ciência espiritual para tornar tais conceitos amalgamados. E a partir deste olhar, buscar um sentido primeiramente individual e posteriormente pedagógico.

A pedagogia waldorf baseia-se no conhecimento do ser humano a partir da Antroposofia, ciência espiritual elaborada por Rudolf Steiner no início do século passado. Sua principal meta é proporcionar à criança e ao jovem um desabrochar harmonioso de todas as suas capacidades, considerando as esferas física, emocional e espiritual do ser humano, visando um desenvolvimento integral. Educar e ensinar revela-se na promoção do pleno desenvolvimento das capacidades latentes do ser humano, fazendo do jovem uma pessoa apta a integrar-se no mundo com autoconfiança, consciência e criatividade. Ela está intrinsecamente ligada ao elemento artístico, o qual atua na formação da vontade; e de elementos próprios da cultura e arte popular vista em comum, de tempos em tempos, por toda a humanidade.

Serão expostos elementos sobre a diferença em o que é folclore e cultura popular e de quanto tais conceitos estão carregados de idéias ultrapassadas, pois se compreende que a cultura é dinâmica ao seu tempo apesar de trazer em si memórias do passado. Onde a cultura popular vive em nós, de que maneira ela age animicamente nos seres humanos, e de como podemos vivificá-la a um processo individual e pedagógico, são algumas das questões apresentadas. Para tanto, será de suma importância

explanar sobre como a antroposofia concebe o que é povo, a sua missão para um progresso evolutivo dos seres humanos e de seres espiritual superiores, e sobre o encontro de uma "autocognição de etnia". E como o presente trabalho trata-se especificamente da cultura do povo brasileiro, torna-se relevante apresentar aspectos sobre a história deste país e a partir dela salientarmos sobre sua alma, pertencente também, em parte, a alma do brasileiro.

A importância em investigarmos sincronias entre a cultura popular brasileira e a pedagogia waldorf justifica-se por serem ambas as fontes relativamente novas a percepção de nossa sociedade. A primeira por ser uma elaboração recente do povo brasileiro, visto que sua história também é recente comparada a outras nações, sendo seu produto a cultura, ainda pouco identificado pelas próprias individualidades que aqui vivem, e principalmente daquelas detentoras de um saber erudito. A outra foi lançada ao mundo por Rudolf Steiner, antropósofo austríaco, em 1919, e chegou ao Brasil em 1956. Desde então vem sido elaborada às condições disponíveis para sua atuação aqui no Brasil.

3.FOLCLORE X CULTURA POPULAR: o pensar, o sentir e o agir do povo

Primeiramente é necessário esclarecer que folclore é uma ciência; uma ciência que a princípio estudava tudo o que dizia respeito à chamada literatura oral: cantigas, lendas, adivinhas, mitos. O conceito ampliou-se e passou a ser o estudo de tudo o que diz respeito à cultura popular tradicional, à cultura viva em toda sua plenitude material e imaterial, ou seja, aos modos de pensar, agir e sentir de um povo.

O folclore surgiu em meados do século 19 a procura de distinguir a materialidade da imaterialidade, dando maior atenção às comunidades pobres ocidentais, visto que as mesmas eram consideradas comunidades primitivas, ágrafas. Foi o arqueólogo inglês Willian John Thoms, que em 22 de agosto de 1846 publicou, inclusive como uma reivindicação, de ter sido ele próprio a utilizar, pela primeira vez, a palavra "*folk-lore* (*folk-* saber, *lore-* povo) o saber tradicional do povo."

Entendido como fato, e não mais como antiguidade, as primeiras pesquisas brasileiras adotaram três características para "enquadrar" o fato folclórico: anonimato, transmissão oral e antiguidade. Estudiosos, como Luís Câmara Cascudo, Edson Carneiro desconsideraram essas características, por a considerarem etnocêntricas, e "*deixando implícita a pressuposição da superioridade da cultura do pesquisador sobre a cultura pesquisada*" (AMORIM- Continental, 06). Pesquisadores atuais ainda o vêem como separatista. "*Do ponto de vista formal, o termo "folclore" já assinala, em seu conceito, a diferença. O "folclore" está ligado à expressão artística popular, do "não formal", do outro, do povo*" (CORREA, 23). Mais tarde, outras características foram incluídas como aceitação coletiva, funcionalidade, espontaneidade e regionalidade.

De qualquer maneira, a cultura popular, o fato folclórico, carrega aos olhos leigos o fardo do passado, empoeirado, esquecido, primitivo, espontâneo; e que os "românticos e bondosos" pesquisadores salvam, resgatam essa cultura, como raridade e algo "exótico". A cultura popular sempre existiu e existe, acontece, vive entre nós.

A cultura erudita está relacionada ao saber acadêmico, resultante do ensino organizado. A cultura de massa é formada por elementos tirados de outras culturas misturados a um saber de fácil acesso e assimilação, transformados para o consumo e, portanto, atinge um número maior de pessoas. E a cultura popular, aquela que não está na mídia, é decorrente da experiência da vida, que não vem de organizações intelectuais ligadas às culturas eruditas. Resulta da experiência diária do homem ao lado de seu semelhante, das trocas de experiências dentro da comunidade.

A cultura popular traz em si o que é tradicional de um povo, e é reproduzida no tempo atual mediante as condições e reelaborações dos conhecimentos adquiridos por seu reprodutor, o homem. As tradições, apesar de frequentemente ligada ao passado, possam vê-la como *"um fio condutor que liga presente, passado e futuro. (...) Se tradição é o elo passado-presente-futuro, então ela caracteriza não apenas o folclore, mas toda a existência cultural do Homem."* (MORAES,21). Essa cultura é contemporânea ao seu tempo, produzida pelo homem no presente que atua conforme a realidade que o cerca, trazendo para o hoje, o que aprendeu com o passado, para aperfeiçoar o futuro. Portanto também, nada possui de primitiva. Pouquíssimos povos dentre a população humana ainda são dito primitivos, a margem da civilização. Essa última há séculos impõe suas regras e valores egóicos à humanidade, ao se dizer detentora de conhecimentos eruditos, materialidade e tecnologia, sem dar o devido valor e respeito a cada expressão de um povo que possui seus próprios valores, sua forma de pensar e de agir. Não existe cultura espontânea. Espontânea é a semente que jogada ao léu em terra, nasce sem ser cultivada. Quem produz essa cultura não traz do nada seu conhecimento. Seu passado, seu meio, e seu destino lhe ensinam; seus conhecimentos são transmitidos hoje, no momento presente, mediante as referências que o cercam. Ao contrário das ressalvas românticas sobre o dever resgatar essas culturas, nós é quem estamos sendo salvos por ela. A cada dia isso vem de encontro a nós. Tanto nas manifestações artísticas, como na medicina, religião, hábitos culinários, modos de se vestir, agir, entre tanto outros. Exótica está para aqueles que não incorporaram para si a sua própria cultura, que lhes parece como estranho, estrangeiro. Raro e escasso, para quem não abriram

os olhos da alma para perceber os quantos estão envoltos por ela, em todas as dimensões.

Essas colocações se tornam relevantes a ponto de esclarecimento de termos e de como estes estão carregados de idéias passadas ao seu respeito.

Visto que a cultura popular inclina-se aos modos de *pensar, agir e sentir* de um povo, e posto em paralelo, a alma do homem, formada pela concepção da ciência espiritual pelo *agir, sentir e pensar* do ser humano, podemos identificar a cultura uma das constituições da alma de um povo.

5. ATIVIDADES ANÍMICAS: O pensar, o sentir e o agir do homem

Para termos uma idéia de onde vive a cultura popular em nossa alma, é importante verificar como a antroposofia concebe a alma no ser humano. Segundo Rudolf Steiner, as atividades anímicas consistem numa trimembração do homem: "o pensar -ao qual se deve juntar a percepção sensorial e a memória, o sentir e o querer. Não existe atividade anímica que não se englobe, em última análise, numa dessas três áreas. Essa divisão, porém, não se limita às atividades anímicas. Ela tem um reflexo na constituição física e nos graus de consciência da mente humana" (LANZ, 31).

Fisicamente, o corpo humano pode ser considerado composto de cabeça, tórax e abdômem, ao qual podemos acrescentar os membros. Visto desta forma percebemos entre a cabeça e o sistema membros-abdômem polaridades. A cabeça é o ponto de concentração das atividades da percepção e do pensamento, visto que tais atividades se encontram por todo corpo. Nela encontramos o cérebro, a maior parte dos sentidos e também o sistema nervoso central. A ela está relacionado o pensar. Para o sistema abdômem-membros, o querer. O metabolismo está centralizado na parte abdominal, também percebidos em todo corpo. Os processos relacionados como a digestão, secreção, sexualidade, se encontram nesta região, e alguns desses processos auxiliados pelos membros (alimentação x digestão). A este sistema podemos vê-lo como qualidades de quente, móvel, sugere vida, regeneração. A ele também está relacionado à vontade, os impulsos vitais. A cabeça, o frio, o estático, paramos para pensar o que percebemos pelos sentidos; sugere morte, catabolismo. Entre eles o tórax, onde se encontra o coração. O dentro de si, "onde o homem avalia situações de agrado ou desagradado, simpatia ou antipatia, as impressões recebidas, os conteúdos dos pensamentos e até a qualidade dos alimentos ingeridos" (LANZ, 33). É o sistema ritmo, ampliado aos pulmões (respiração) e a circulação (sangue), que tem origem na região torácica, mas se estende em todo corpo. Esse sistema está ligado ao sentir.

Essas atividades anímicas e sua projeção no corpo refletem também características no campo espiritual. Paralelamente o pensar (sistema neuro-sensorial/ intelecto) se encontra num estado de plena consciência, vigília. Estamos "acordados", presentes aos fenômenos que nos provocam ou observamos. O querer (sistema metabólico-motor/ metabolismo) num estado de inconsciência, pois nada sabemos sobre nossos órgãos internos. Quando esse se revela e sentimos dor, é porque algo está fora do normal. Quanto ao movimento de membros, podemos ter em mente o queremos e como fazer, mas não temos consciência de que forma isso acontece. O sentir (sistema rítmico-circulatório/ sentimento) em estado de semi-consciência, um estado intermediário aos outros dois.

A trimembração do homem, as atividades anímicas do pensar, sentir e querer, abrange também o corpo físico e do espírito. Essa totalidade compõe o ser humano a partir da Ciência Espiritual, e constitui uma das bases para a compreensão da pedagogia waldorf , de como ela visa o desenvolvimento humano, e a partir daí a elaboração de processos pedagógicos.

4.1. Onde vive a cultura popular em nossa alma e o que ela nos traz como vivência?

A cultura popular é a vivência do imaginário; recordações do passado carregadas de imagens, representações, atributos morais, sagrados e também profanos, revelados através da ação. Somente quando exercitada, elaborada e realizada é possível identificar sua existência. Assim acontece com os antigos cantos evocados nas Folias de Reis; na reelaboração de uma auto de bumba-boi; na transmissão de conhecimentos pela oralidade; numa receita de um pão de páscoa preparada todos os anos para a ocasião, ou também de outra receita tradicional, de família ou típica de uma região, ou apenas o fazer o próprio pão. Caso contrário seria folclore, algo do saber popular que parou no tempo e merece ser estudado, apreciado e que muito nos dizem também; as lendas, por exemplo.

A partir das atividades anímicas do homem, a cultura popular é percebida na dinâmica do *pensar*. Este pensar ligado ao *sentir*, pois este

está atrelado ao pensamento imaginativo. O homem ao viver sua cultura realimenta seu sentido de vida, pois está agindo impulsionado pela vontade de realizar o que existe pra ele primeiramente como imagem.

Na dinâmica deste pensar (*sentir*) refletido nele imagens primordiais (no sentido de imagem primeira), é que o indivíduo encontra a religiosidade, o sagrado, algo que está acima dele. O que está ligado ao *pensar*, é um pensar morto, sem vida, limita-se ao intelecto. A imagem por si, tem um sentido, uma intenção. Na cultura popular, a imagem está para seu produtor como a expressão da busca da verdade, e através desta busca o encontro com o sagrado. O que leva o homem que vive a cultura de seu povo em busca deste encontro, é força da fantasia. A imagem existe, a fantasia desvenda. A fantasia é uma ponte entre o que é espiritualmente visível e a expressão da vida no mundo físico. Ela visa o futuro, me leva a criar, a nascer. O que é espiritualmente visível é buscado pela força da fantasia, e posta á tona em vida. A fantasia não gera a imagem, mas ajuda decifra-la. Ela atenta nossos quereres em busca do que decifraremos para o mundo físico, para nossa vida.

Na Pedagogia Waldorf, as imagens de tudo que está ao seu redor, seja ela material ou transmitida através da ação, atingem a alma da criança. Portanto a importância de educar através das mesmas.

"As imagens são imaginações, percorrem a fantasia e a simpatia. Conceitos abstratos são abstrações, atravessam a memória e a antipatia, vêm na vida pré-natal. Portanto se os Senhores impingirem à criança muitas abstrações, estarão incentivando-a a dedicar-se com particular intensidade ao processo produtor de gás carbônico no sangue, ao processo do endurecimento do corpo, da extinção. Se, pelo contrário, levarem à criança a maior quantidade possível de imaginações, se a educarem falando-lhe por meio de imagens, então lançarão nela semente para a contínua conservação do oxigênio, para um contínuo desenvolvimento, pois lhe estarão indicando o futuro, o pós-morte." (STEINER, 38)

Pedagogicamente podemos intencionar e dar um objetivo a imagem. Agradecer é uma boa imagem. E através do sentir e da repetição da ação,

ela aprenderá. Para a criança, ela primeiro deve ver para então suscitar sua fantasia. E a partir do criar ela busca sentido no que para ela faz sentido, individualmente, em vida.

Trabalhar com elementos da cultura popular nos traz de vivência para alma alimento de algo que percorre o tempo da evolução humana e somente pode ser reproduzido pelo exercício de tudo o que concerne no campo material e também imaterial; e esse processo nos permite estruturar idéias, querer, vontades, pela força da fantasia e elaboração de imagens. Tecer, bordar, fazer pão, moldar o barro, costurar... Assim também acontece com a arte, que não tem um ponto final, pois sempre retornamos a ela e esta nos permite iniciar um novo processo. O contrário seria um processo fincado no intelecto, no pensar; onde as imagens reproduzidas encerram em si mesmas, não permitindo transformação.

A cultura popular, e principalmente a arte popular, é sofisticadamente elaborada para depois ser reproduzida. Muitas vezes transmite valores morais, políticos, filosóficos de quem a produz e de toda uma comunidade. Porém, revela-se na ação, e não dentro de uma academia.

Trabalhar com elementos da cultura popular brasileira nos traz de vivência para alma alimento do que é inerente a condição do povo brasileiro, de algo que é particularmente pertencente às terras brasileiras unidos aos encontros humanos aqui formados. Utilizar a matéria prima pertencente à determinada região para um processo pedagógico seria aproveitar os recursos que a terra nos oferece, transformados numa prática benéfica ao indivíduo e ao bem comum. Aproveitar a folha da bananeira, e com ela extrair sua fibra e desta tecer um cesto, pode ser um exemplo. Logicamente esta ou qualquer prática deverá estar conciliada ao estágio de desenvolvimento pelo qual o aluno estará passando, a um conteúdo e época específicos.

No Brasil temos ainda uma grande vantagem: podemos estar diretamente ligados aos produtores da arte popular brasileira. Existem aos milhares espalhados por todo país, às vezes no nosso próprio bairro, e às vezes ele é o nosso vizinho. Existem mestres da arte popular, prontos e determinados a transmitir seu conhecimento. Com certeza o processo será

longo e necessitará determinação; pois como na pedagogia waldorf, é um caminho do conhecimento realizado através da oralidade, da procura em se fazer melhor, e do rigor por amor.

Aprender um bordado com as rendeiras de bilro das terras catarinenses; com os marceneiros paranaenses construtores de brinquedos de madeira; com a cultura indígena o talhar um toco de madeira e transforma-lo num bicho, certamente presente naquela região; são poucos exemplos dentro da diversidade do que é o Brasil. E porque o foco deste trabalho é a cultura popular brasileira, pois muito também temos a aprender com a cultura erudita aqui formada, assim como com a cultura de todos os povos do mundo.

A pedagogia waldorf segue a rota das principais épocas do ano (São Micael, Natal, Páscoa, São João) praticando afazeres condizentes com cada época, trazendo elementos, símbolos sagrados as suas tarefas pedagógicas. Ela está, de certa forma, continuamente buscando esses elementos presentes nos Espíritos de épocas ou do Tempo, aos quais pertence o que há bom e verdadeiro, assim como para os Espíritos dos povos existe do melhor das recordações do passado.

5.ESPÍRITO DOS POVOS X ESPÍRITOS DE ÉPOCA

"Conheça-vos a vós mesmos como alma dos povos"

(Rudolf Steiner)

Segundo os estudos antroposóficos, os povos são dirigidos por entidades mais evoluídas aos seres humanos; são os Espíritos dos Povos. Além deles existem os Espíritos de Épocas ou do Tempo, os quais são entidades ainda superiores aos Espíritos dos Povos, mas que cooperam entre si para um progresso evolutivo próprio e para o progresso da humanidade. Este capítulo torna-se necessário para o presente trabalho, visto que o mesmo procura investigar fundamentos sobre a cultura produzida pelo povo, analogamente vista como elemento de sua alma; da importância de reconhecer-se parte integrante de uma comunidade étnica; e, de como trabalhar esses valores pedagogicamente.

A partir do estudo do livro "A Missão das almas dos povos", composto de três palestras conferidas por Rudolf Steiner em 1910, procurarei descrever os pontos de maior relevância para o presente trabalho, visto que tal tema é amplo e sugere o conhecimento de outras referências da Ciência Espiritual, mas suas ausências aqui não interferirão no assunto.

Steiner salienta a importância em se falar da missão dos povos e de uma atitude de "autocognição de etnia" para contribuir com a evolução individual e da humanidade. De maneira peculiar ele define povo, baseado em conceitos antroposóficos: *"Povo são pessoas pertencentes a um mesmo grupo e dirigidas por um Arcanjo. Os membros de um povo recebem inspiração para o que são e realizam como membros do povo. Imaginando que esses espíritos possuem individualidade peculiar análoga à dos seres humanos na Terra, acharemos compreensível que os diversos grupos dos povos representam à missão individual desses Arcanjos"*.

Segundo Steiner se visualizarmos a história do mundo, perceberemos os diversos povos que seguiram, um após a outro, sua atuação aqui na Terra. *"Em tudo o que se desenvolve nos povos e com os povos, há um progresso da evolução humana. (...) uma continuação inexorável no progresso da humanidade, mesmo que isso seja chamado de*

decadência". Cada um desses povos foi guiado por um Arcanjo munido de sua missão individual para sua evolução e de toda a humanidade, aliados aos Arqueus, representantes dos Espíritos de Época.

5.1 Os seres espirituais superiores

Para compreender sua missão e tais seres como entidades reais, Steiner expõe de que maneira a ciência espiritual forma uma idéia de uma entidade real. Primeiramente descreve sobre a evolução humana e sobre a composição dos membros da entidade ser humano.

Cada individualidade humana é composta de quatro membros: o físico, o etérico ou vital, e o astral ou de sentimentos, que são os membros inferiores; e o eu, considerado o membro superior, o qual atua constantemente nos membros inferiores afim de transformá-los. O homem passou por transformações em seu processo evolutivo, e cada fase durando muito tempo. Desenvolveu-se primeiro a disposição para o corpo físico, depois a do corpo etérico e por fim a do corpo astral. Membros esses que continuaram evoluindo, porém os seres humanos não absorveram as antigas fases de sua evolução, como a disposição para o corpo astral, no mesmo estágio da Terra em que se encontra hoje. O corpo astral desenvolveu-se no estágio da Lua, estágio anterior ao da Terra. A antroposofia reconhece a vida atual como consequência das vidas anteriores, encarnações anteriores; e, sendo assim devemos, encarar as encarnações da Terra atual:

1º Terra hoje – estado de consciência (Eu)

2º fase da Velha Lua – corpo astral

3º fase do Velho Sol – corpo etérico

4º fase do Velho Saturno – corpo físico

Os seres humanos hoje aqui na Terra estão passando no estágio da autoconsciência; *"da mesma forma que outros seres passaram por este estado durante os estágios anteriores da evolução terrestre, ou seja aos do Velho Saturno, Velho Sol e Velha Lua."* Steiner utiliza terminologia ocidental, cristã esotérica, para identificar esses seres, designando-os como seres humanos viventes em cada fase, porém não se pode imaginá-los

externamente como uma forma física semelhante à humana, *“pois embora passando por sua fase de seres humanos, não tinham um corpo físico como nós. Apenas o estágio de evolução correspondia à atual situação do homem.”* São eles:

1º Arqueus- Velho Saturno- corpo físico

2º Arcanjos- Velho Sol- corpo etérico

3º Anjos – Velha Lua- corpo astral

4º seres humanos- Terra hoje- Eu/ autoconsciência

Os Arqueus, também chamados Espíritos do Tempo ou Espírito de Época, estão como entidades verdadeiras; algo superior às almas dos povos, algo capaz de uni-las e de ser entendido até certo grau em toda parte. Existem vários Espíritos de época, entre eles, também chamados de Espíritos da Personalidade.

Os Arcanjos estão dois graus acima aos seres humanos. Na sua existência atual estão trabalhando em seu corpo etérico a partir de seu eu e da natureza de sua alma. Atuam para seu desenvolvimento espiritual de maneira mais física com o homem. No mesmo estágio dos Arcanjos encontram-se os Espíritos dos Povos.

Os anjos são mediadores entre a missão superior dos Espíritos dos Povos e dos seres que devem ser inspirados pelos primeiros aqui na Terra. *“Para que cada indivíduo possa acolher o que o espírito do povo tem a dar a todo povo e se torne implemento da missão do povo, necessita-se da mediação do Anjo.”*

5.2. Corpo Etérico dos Espíritos dos Povos e dos seres humanos

Para entendermos como os Espíritos dos Povos em sua existência atual trabalham em seu corpo etérico, Steiner solicita uma observação da consciência clarividente, pois uma consciência materialista apenas consegue identificar o que é percebido concretamente aos olhos físicos.

A configuração e a superfície da Terra se apresentam de diversas formas, em diferentes lugares, e representam até certo ponto as condições para as peculiaridades e qualidades dos povos. A consciência materialista

diz que vegetação, clima, água e outras circunstâncias externas sejam os principais responsáveis pelas características dos povos. Para a consciência clarividente as coisas se apresentam de forma diferente. Ela percebe *"sobre cada localidade da Terra a formação nebulosa espiritual característica, que deve ser chamada à aura etérica daquela região terrestre.(...) Da mesma forma que cada indivíduo humano possui seu próprio corpo etérico, sobre cada região da superfície terrestre eleva-se uma aura etérica"*.

Essa aura é diferente em cada país. A do Chile é diferente da do Brasil, ou da Suíça...Ela também se distingue das outras auras etéricas, por exemplo a dos seres humanos. Ao ser humano ela está ligada ao corpo físico, enquanto existente aqui na Terra, e só é modificada quando o ser humano evolui relativamente sua inteligência, sua moral e outras qualidades. Transforma-se a partir de dentro, irradia do interior. Nas auras etéricas das diversas regiões da superfície terrestre é diferente, pois por longos tempos se mantém inalterado certo matiz básico, mas também sofrem alterações bruscas; e são essas que se diferem dos seres humanos. Enquanto essas mudanças ocorrem lentamente nos seres humanos, na aura terrestre ocorre bruscamente. Elas somente se transformam no decorrer do desenvolvimento da humanidade na Terra, quando um povo muda de domicílio para outra região terrestre. Cada uma das auras das regiões terrestres é a confluência do que vem do solo com o que a migração dos povos traz para essa terra.

O que a consciência vê no plano físico é *Maya*, ou ilusão, pois concerne apenas ao que é físico, algo como a condensação do que atua na aura etérica. Contudo, a aura etérica está relacionada apenas com a parte física sobre a qual ela, como ser vivo organizador, pode interferir. Por sua vez, os Arcanjos que regem as leis espirituais não chegaram em seu desenvolvimento a ponto de interferirem nas leis físicas. Não podem atuar por exemplo, nas regiões de configurações montanhosas, na ondulação do solo, onde as condições físicas determinam as transformações dos povos. Portanto, são obrigados de tempos em tempos a migrarem sobre a Terra, *"incorporando-se no que fez a configuração do solo, como se fosse seu corpo físico que é regido pelas leis físicas."* O corpo etérico do povo não possui tal ação organizadora. Então escolhe a terra que lhe é apropriada, e

da união de seu corpo etérico, que está sendo transformado por forças anímico- espirituais com aquele pedaço de terra, nasce o que nos apresenta como a fascinação do hábito de uma nacionalidade; é algo possível de perceber no país e no povo por uma pessoa possuidora da consciência clarividente, o que uma pessoa não clarividente consegue apenas sentir num país.

5.3. A ação do Arcanjo e dos Espíritos dos Povos na auréola particular de um povo

A força do trabalho dos Arcanjos e do Espírito dos Povos manifesta-se de três maneiras no ser humano. A aura etérica do povo que age dentro dos indivíduos, que os envolve e os impregna, se dá a surgirem três efeitos diferentes na entidade humana, e, a interação desses efeitos produz o caráter particular de uma pessoa que vive nessa aura etérica de um povo. São os temperamentos colérico, fleumático e sanguíneo. Eles permeiam a aura etérica de um povo e podem ser combinados de diversas formas nas diferentes individualidades humanas. Isto constitui o caráter nacional de uma pessoa. A diferença que existe entre os indivíduos depende somente do grau da mistura. Os temperamentos nacionais, nas suas combinações, são determinados pela ação da aura dos povos.

Mas os temperamentos não constituem o elemento essencial para suas ações. O fazem porque consideram que as forças no mundo devem agir reciprocamente, e o fazem voluntariamente como sua missão. Mas também querem progredir. Eles agem aqui na Terra, voltam aos mundos espirituais, e retornam novamente incorporando em um novo lugar. Para tanto, Steiner sugere que imaginemos concretamente o corpo etérico humano, encerrado no corpo etérico do povo, e refletir sobre a interação destes dois, e como o corpo etérico do povo reflete nos temperamentos deste povo e na mistura

de temperamentos dos indivíduos. Este parece ser o ponto fundamental para a compreensão da ação do Espírito do Povo dentro do seu povo.

5.4. Espíritos dos Povos x Espíritos de Forma

Para entendermos melhor quem são os Espíritos dos Povos e de que forma atuam nos seres humanos, perceber que as qualidades dos povos somente afloram perante uma colaboração desses seres com outros seres superiores, os quais também contribuem para o desenvolvimento do corpo etérico dos seres humanos, é preciso compreender a existência desses outros seres.

A hierarquia dos seres interessantes a este estudo, pois existem outras entidades, se apresenta da seguinte forma: 1- seres humanos; 2- Anjos; 3- Arcanjos; 4- Arqueus ou Espíritos da Personalidade e 5- Postestades ou Espíritos da Forma.

Enquanto os Arcanjos passavam pela sua fase humana durante o Velho Sol, os seres denominados Espíritos da Forma se encontravam em seu desenvolvimento dois graus acima na sua fase de Arcanjos, análogos aos Espíritos dos Povos da atualidade. É sabido que na evolução existe uma lei oculta que faz com que em cada degrau da evolução certos seres fiquem atrás, de maneira que não alcancem o desenvolvimento normal, mas continuam com o caráter que possuíam das fases anteriores. Os Espíritos de Forma estão entre tais seres, e seu atraso manifesta-se de modo peculiar. Eles possuem certas qualidades dos Espíritos de Forma normais que, nesta fase da Terra, tem conferido aos seres humanos o seu eu, mas não conseguem realizar a tarefa por não possuírem qualidades necessárias. O atraso deles consiste em não absorverem sua fase de Arcanjos no Velho Sol e o fazem agora aqui na Terra. Estão atualmente no grau dos Espíritos dos Povos, mas possuem qualidades diversas deste. A ação dos Espíritos dos Povos sobre os humanos é bem sutil, pois se encontram apenas dois graus acima dos seres humanos, enquanto os Espíritos de Forma, quatro graus, e se sentem, de certa forma, superiores na sua ação, providos de uma força

mais vigorosa, robusta. E apesar deste vigor e robustez, não teriam outro campo para atuar se não o dos Espíritos dos Povos.

Estes seres, por suas qualidades de Espíritos de Forma, conseguem intervir profundamente na natureza humana e podem atuar para dentro da forma física. A primeira forma de colaboração foi a língua, a qual não poderia ter-se desenvolvido sem a estrutura humana. São os Espíritos da Língua. Apesar de estes seres serem considerados atrasados em seu desenvolvimento, isto se deve ao fato deles terem renunciado à sua evolução normal, continuando seu desenvolvimento aqui na Terra em vez de continuá-lo no Sol, estágio em que pararam em seu desenvolvimento. Foi por amor que esses seres superiores permaneceram com os seres humanos, afim de que estes pudessem passar por uma evolução de acordo com a alta sabedoria. E por amor foi dada ao homem a língua, e também por isso os homens deveriam aprender a amá-la.

No corpo etérico dos seres humanos e no do Espírito dos Povos dedicados a ele, duas entidades diferentes colaboraram para o fato de o sentimento e o temperamento do povo se revelar na língua: os Arcanjos de evolução normal e os Espíritos de Forma que renunciaram sua condição, para incorporarem ao homem a língua nacional.

Outros seres espirituais que participam do progresso da humanidade são os Espíritos da Personalidade ou Arqueus, que representam forças que atuam como Espírito de época no atual Estágio da Terra. São espíritos do Tempo atrasados, que renunciaram sua condição a partir da Velha Lua. Eles atuam a partir do seu Eu e de sua organização anímica para dentro do corpo físico, pondo em movimento as forças desse corpo físico. Daí percebe-se o progresso da humanidade em certas épocas; são os Arqueus-Espíritos do Tempo que reúnem as condições físicas necessárias, e o progresso dão-se pela intuição que alguém sente ao ver acontecer algo como que por acaso no âmbito físico. Mas não estimulam do lado de fora para que as pessoas percebam o âmbito físico, estimulam de dentro do cérebro para dar ao pensamento certa direção. Portanto cada era tem um pensamento distinto, uma determinada mentalidade e forma de conceitos.

Ao percebermos os diferentes povos através de uma consciência clarividente ou conhecimentos ocultos, percebe-se a maneira de agir dos

Espíritos dos Povos e como eles recebem suas ordens dos Espíritos de Época. Percebe-se também a cooperação entre os Espíritos dos Povos com os Espíritos da Língua e do Pensar, no interior dos seres humanos. A observação dessas forças atuando no interior de um povo, e ponderando a participação de cada fator na constituição de um povo, revela-se o verdadeiro conhecimento do que é um povo. O envolvimento dos seres humanos no progresso dessas entidades mostra-se no reflexo dos Espíritos dos Povos, nas próprias individualidades humanas, como caráter étnico de cada indivíduo.

5.5. De como os seres humanos estão envolvidos no trabalho dos Espíritos dos Povos

Analogamente de como foi exposta a trimembração das atividades anímicas do ser humano, segundo a ciência espiritual, será apresentado a trimembração dos povos, referentes também às individualidades humana, composta de três membros: alma da sensação (membro inferior da natureza humana), alma do intelecto (membro intermediário); e alma da consciência (membro superior, revela-se na autoconsciência). Todos estão empenhados na preparação da transformação do próprio corpo anímico.

O Eu está ativo nas três partes da vida interna destes membros. O Eu na alma das sensações está nos indivíduos presentes nos impulsos, nas paixões, sendo assim, ele fica como abafado. O Eu na alma do intelecto, num estágio intermediário, percebe-se o esforço em emergir na alma do raciocínio. E, o Eu na alma da consciência, se apresenta como se fora revelado, como se saísse à luz do dia, acordasse.

O que para o interior do ser humano o eu trabalha e se exprime, manifesta-se nestas três modificações do corpo anímico. O interior dos seres espirituais superiores, os Espíritos dos Povos, o que pode ser comparado com o interior dos seres humanos, revela-se nas três modificações do corpo etérico. Portanto, sua vida anímica e sua forma de consciência também diferem da dos seres humanos.

	Membro Superior	Membro intermediário	Membro inferior
Vida anímica dos Arcanjos:	reino dos elementos espirituais	EU	vivência da alma do raciocínio
Eu humano:	consciência	raciocínio	sentimentos

O ser humano que só sente e não pensa pode ser um visionário, mas não uma pessoa prática. Seus ideais devem vir de dentro; devem ser elaborados na alma do raciocínio de algo a ser recebido dos mundos espirituais. Algo não percebido externamente, mas que permeia entusiasmo nosso interior, participando de nossa vida.

Para os seres espirituais é esse algo, a outra metade que os importa e onde conseguem atingir os seres humanos nas suas ações, e também onde se estende a própria vida dos Arcanjos. Eles não vêm como para nós as sensações do mundo externo dos reinos vegetal, animal e mineral; analogamente vêm o que fica dentro desses eus que percebem essas impressões externas, e recolhem para si algo de espiritual. A visão do mundo dos Arcanjos se dá na contemplação astral das individualidades humanas, sejam elas mais animadas pela atividade interna, com conteúdo anímico mais rico, ou por um conteúdo mais letárgico, mais pobre. Como o homem sai pelo mundo transformando-o e elaborando-o em instrumento, somos nós os objetos de campo dos Arcanjos. Assim eles podem *“utilizar-se dos homens e trabalhar para eles, tecendo, a partir de sua índole, o que deve servir de guia para todo o povo.”*

A existência de um Espírito de Povo sobre um povo, corresponde à vida juvenil ascendente de um povo, até sua velhice. Ele nasce num povo, experimenta como um elemento de frescor, e no momento em que os centros das percepções sobre este povo começam a ficar menos produtivos, como um ressecar, ele abandona essa comunidade étnica, para que no momento propício, una-se a outra. O Arcanjo reconhece as necessidades de

um povo, e através dos Anjos, os quais são mediadores destes com os seres humanos, impulsionam o homem ao que deve ser realizado.

A confluência da aura etérica do solo, à aura anímica de indivíduos pertencentes a um mesmo grupo, revela-se a aura etérica deste povo, o qual está permeado pela amálgama dos temperamentos das individualidades quanto da totalidade destes indivíduos, que se torna particular de cada povo. É sobre esta aura que atua o Espírito do Povo em cooperação aos Espíritos de Forma anormais, regidos pelos Espíritos de Época. O efeito da união destes fatores percebidas no interior de um povo, e a ponderação de cada um deles, chegaremos ao verdadeiro conhecimento de um povo. A importância e o efeito de nossas ações aqui na Terra, conscientes de nossa etnia, contribuem para evolução desses seres espirituais superiores e de toda humanidade.

5.6. Por uma autocognição étnica brasileira

Para que possamos encontrar nossa autocognição étnica brasileira é de relevante importância debruçar sobre alguns aspectos de nossa história, e procurarmos profundamente o que reserva a cada individualidade no tempo presente.

Pertencemos há um país juvenil, onde a pouco mais de 500 quinhentos anos iniciou-se um processo civilizatório; onde diversas individualidades pertencentes a outras comunidades étnicas, de diversas raças, de saberes e crenças diversos vieram a ter o Brasil como morada. A mistura destas individualidades a milhares de outras que aqui já habitavam, também com características próprias, formaram os brasileiros.

Qual será a aura etérica deste povo? Quais serão os acordos afirmados por essa teia espiritual, para que numa terra tão extensa, atraíssem povos de outros países, de cultura e línguas diversas, a encontrar aqui outros povos distintos, também de cultura e línguas específicas; e por toda essa extensão de terra esse balaio de gente formar um só povo, de uma cultura plural e de uma única língua? Este trabalho procura buscar questões como estas, e quem sabe, individualmente encontrar possíveis caminhos.

6. ANIMA BRASILIS: A formação étnica brasileira, para compreensão de sua formação cultural e da alma deste país

"O que a brasilidade é, ou será, não se determina pelas características da mestiçagem racial índio- negro- branco, mas se determina pelos sincretismos culturais produzidos pela alquimia macunaímica das tradições índias, africanas e européias, modificadas pelas condições ambientais e sociais da nova terra na qual se instalam. A brasilidade, além disto, não é simplesmente índio- negro- branco, mas é algo novo." (MORAES,25)

Encontrar em nós brasileiros uma alma nacional é de total valia, visto que carregamos em nossa história, ainda hoje, fardos de muita amargura, preconceito e paradoxalmente de muita alegria e criatividade.

E isso, não ao acaso provém da história deste país, colonizado por europeus brancos, que encontrou aqui uma população indígena a qual foi em parte exterminada, por doenças, escravidão ou pura crueldade, e também escravizou e humilhou negros trazidos da África para o trabalho forçado a chibatadas, ou por puro deleite desses patrões. De cada uma destas etnias, que divinamente encontradas e misturadas nesta terra, o Brasil, preencheu sua história de artes sofisticadas, pensamentos cultos, gingas, formação de uma língua nacional, de uma cultura plural. E destas etnias, branca, negra e índia, cada uma por si, uma ramificação de tantas outras, e a mistura de todas elas que formam os brasileiros. A amálgama da cultura de cada etnia formou a cultura brasileira. Apesar de tantas impressões negativas impregnadas na alma brasileira, difícil esquece-las, mas por certo necessário transformá-las, e encontrar nela o que de mais verdadeiro ela possui.

Para tanto é de valor debruçar sobre a história deste país, aqui resumida em poucos parágrafos, a partir dos estudos do livro "O Povo Brasileiro" de Darcy Ribeiro, e de "Anima Brasilis" de Wesley Aragão de Moraes.

6.1. Formação étnica brasileira

Em 1500, existiam 1000 etnias indígenas no Brasil, divididas, até onde se saiba, em 5 grupos lingüísticos diferentes (tupi, jê, Karib, aruak e outras distintas). Cerca de 6 milhões de índios, população próxima a de Portugal da época. Para esses índios a vida era boa e farta. Apesar de conflitos entre alguns grupos, a índole deles era extrovertida, era risonha e de alma juvenil. Estariam nesta terra há mais de 15 mil anos. Ao desembarcarem nas praias brasileiras, os portugueses traziam consigo inúmeras doenças, as quais o indígena não tinha a menor resistência. Os expedicionários portugueses caçavam índios com o propósito básico de escravização ou de simples extermínio. A Igreja, representada pelos jesuítas, permitia essa "caça aos índios", para que esses se convertessem na fé cristã. Para o índio subjugado havia duas escolhas: ou virava católico, ou escravo. As jovens índias serviam para bolinação. O que veio gerar o mameluco, uma etnia nem índia, nem branca. Segundo Darcy Ribeiro, em o "Povo Brasileiro", essa "mistura de raças" já ocorria mesmo antes dos primeiros exploradores que vieram com a intenção de colonizar. Os primeiros brancos, em geral homens, eram aventureiros da época, ex-presidiários, marginais a sociedade elitista, uma gente que para Portugal, de seu destino só importavam informações sobre a terra encontrada. Muito destes que chegaram, constituíram famílias junto aos povos indígenas, até mesmo por motivo de sobrevivência.

Mas o índio estava em sua casa; vivia uma vida dionisíaca, cercada de florestas, desafios dos elementos animais, outros índio inimigos (mas em igualdade de condições) e valorizava a Vida e a beleza do lugar em que vivia. *"O mundo indígena é um mundo espiritualizado, palco da atuação de deuses, espíritos bons e ruins, almas dos mortos e aruanãs (aquilo que chamamos de "elementais da natureza"). (...) Não existe "índio-anjo", como alguns românticos querem ver, mas existia sim, uma pureza cultural inerente à visão do mundo indígena"* (MORAES, 08). A chegada do branco trouxe consigo um *"mundo moralizado por leis, por normas, por uma ordem de poder teológico e político-deveras apolíneo- que contrastava com os valores indígenas"* (*idem*). A luta entre índios, garimpeiros, fazendeiros, ainda ocorre, sendo ainda o índio desfavorecido.

Já a escravidão negra começou na própria África, entre tribos inimigas e comerciantes de escravos. O mundo católico protestante do Brasil colônia acreditava que o negro era desprovido de alma, sendo como uma animália que servia para o trabalho escravo inclusive, para a própria Igreja. A partir de 1532-38, iniciaram as primeiras levas de navios negreiros, esse já sendo um bom negócio para os comerciantes de escravos, antes mesmo do "achamento" do Brasil. Aqui já era uma terra de brancos lusitanos, mamelucos (mistura dos brancos com índios), e índios, em via rápida de extinção ou aculturação. Estes ainda teriam o "privilégio" de serem catequizados pelos jesuítas, enquanto que os negros que aqui chegavam só serviriam para o trabalho forçado. Estes negros vieram de diversas localidades da África, sendo as etnias mais freqüentes capturadas as de etnia: 1) nagô, Nahomey e Ashanti, 2) negros muçulmanos da Nigéria; 3) Bantus e ioruba. Suas tribos organizavam-se através de sistemas monárquicos. Com dialetos diferentes e servidos de muita brutalidade, os poucos que sobreviviam as viagens dos navios negreiros chegavam doentes, pois quem passa por tanta humilhação física e moral, não se era de admirar. Apanhava apenas para "quebrar seu orgulho". Para os brancos a sexualidade era algo pecaminoso e tentador, enquanto para o negro bem diferente representava o Axé de suas deusas. Os negros nascidos no Brasil eram chamados crioulo.

O branco descobriu no índio, os sobreviventes, um ótimo guerreiro, visto que muitas vezes eles preferiam morrer a trabalhar. Já o negro, serviu ao branco, como forma de resistência à própria sobrevivência. Hoje ele assumiu sua cidadania e toma as mesmas posições sociais. Mesmo assim percebemos resquícios do processo da escravatura, "(...) e a predominante pobreza do negro, sinal de uma tradicional menor-chance que se propaga desde o 13 de maio de 1888" (MORAES,18) Existe um racismo sublinhar, um preconceito social e econômico que desvaloriza a negritude pela pobreza.

Segundo Wesley Aragão, "o índio e o negro, primeiro autóctone, invadido, o segundo escravo, arrasado à força, representam, de modos diferentes, as origens do elemento dionisíaco da brasilidade. São etnias cuja cultura original vinculava-se ao natural, ao telúrico, ao caos dionisíaco da

vida. O lusitano europeu, por outro lado, representa o elemento apolíneo da brasilidade. Foi ele quem trouxe uma ordem moralizada, aos moldes da cristandade ocidental, e a cultura do colonizador que quer oprimir e reprimir o selvagem e o dionisíaco em prol de sua moral católica de salvação, que tende excluir os diferentes.” (MORAES,20) Ele compara como foi o índio, alquimicamente, o Enxofre elemento canibal e habitante do universo simbólico mágico dos espíritos selvagens; o branco como Sal- elemento coagulador da cultura, que trouxe a forma e a lei, na dureza de seus valores civilizatórios; e o negro como mercúrio, o elemento dançante e fluido que unificou os dois opostos, na ginga, maracatus, requebrado. Substituiu a língua sintética dos jesuítas, o tupi-guarani (síntese de várias línguas indígenas), por uma língua baseada no português, “muito mais fluida e mercurial.”

Além das etnias-mães, a mistura prazerosa brasileira se deu entre *“lusitanos com índias, índios com negras, negras com brancos, de lusitanos negros com índios, de índios lusitanos com negros. O Brasil se tornou , aos poucos, numa grande nação de mestiços: mamelucos, cafuzos, mulatos, índios católicos, africanos abrasileirados, brancos deseuropizados, etc.”* E depois e junto a esses se somaram holandeses, franceses, japoneses, espanhóis...etnias que se juntaram ao Brasil, por estratégia política de “higienização” de raças, ocupação e também por trabalho na lavoura. Isso porque o país estava tomado por mestiços, na maioria negra. Mas de nada adiantou, pois a mistura continuou e ainda continua. Oxalá!!

Herdamos e reelaboramos dos índios e negros a alma dionisíaca que *“vê um mundo como um universo mágico, cheio de deuses e espíritos, ou seja uma forma pagã, linda e sensual de inteligência e de religiosidade viva e grande mobilidade musical de alma. Do branco lusitano, a língua modificada, a cultura judaico-cristã ocidental, com sua riqueza, com sua moralidade, racionalidade instrumental moderna, uma forma de organização dita civilizada, ou seja apolínea” (MORAES,26).* Formamos então um quarto elemento cultural, síntese maior que as etnias-mães. Como indivíduos, Eus- que se relacionam com a sociedade como um todo, também a ela nos pertence - a cultura. O etnocentrismo europeu, infelizmente herdado do senhor do escravo ou do imigrante tende a

considerar a cultura européia como a única contribuinte de nossa herança cultural, e deter de certa antipatia à riquíssima cultura negra e a indígena, por falta de conhecimento.

6.2. A religiosidade brasileira

A religiosidade aqui se deu por modo de sobrevivência, tanto por valores morais, e até mesmo, de vida. Foi uma forma encontrada das diversas culturas resistirem suas crenças, por imposição da igreja católica unida ao poder político, e por fim, na sua maioria, se misturaram.

As tribos indígenas sobreviventes a um grande etnocídio, sobreviventes ainda, cultuam o xamanismo, vivência de forças supra-sensíveis presentes no ambiente natural, e no ambiente da comunidade tribal. Os jesuítas quando aqui chegaram, apresentaram um cristianismo dogmático, com pouca, ou nenhuma vivência do sagrado, o que para índios e negros era sentido através do corpo, por danças, cantos, pinturas, cores. Estes religiosos não sentiam assim o sagrado, eles apenas liam, quando sabiam ler, e declaravam seu voto fiel à obediência as escrituras, muitas vezes sem compreendê-las. Wesley Aragão define estes encontros espirituais da seguinte maneira: *"existem dois tipos opostos de espiritualidade: a apolínea da Doutrina e a espiritualidade dionisíaca do transe e da dança sagrada. Uma cerebral, outra psico-corporal."*

A maneira com que os jesuítas catequizavam os índios, era de modo a fazê-lo desacreditar de suas crenças e depois substituí-la. Como não existia nenhum dogma religioso indígena, eles o inventaram. O mesmo fez com a religião africana, que além de verem seus deuses substituídos por santos, forma proibida de executar seu batuque sagrado e de realizar seus rituais sagrados.

"A religiosidade dionisíaca do transe e da dança sagrada se baseia na atração de entidades ou forças visíveis, criadas pela mudança de estado de consciência" Na religião africana, o médium tem uma ligação desde pequeno com seu Orixá, um arquétipo cósmico, é uma força, não é o Deus supremo; e no médium se manifesta como um Orixá próprio, como o "Orixá do médium". Cada um possui seu orixá. Cada individualidade é única, mas

os arquétipos manifestados em transe são os mesmos em todos os terreiros, por seus gestos, as palavras que saem da boca, os movimentos.

A espiritualidade da alma brasileira se dá por sincretismo. "O Sincretismo- mescla de diferentes formas espirituais- é um dos modos de que dispõe a cultura para dar ao homem à possibilidade de sintetizar, de reunir, de resolver o conflito entre forças opostas, as quais, do contrário, produziriam uma cisão interna, uma esquizotização." (MORAES, 53).

O próprio catolicismo, primeiramente introduzido por catequese, desde o século XVI tomou um caráter festivo, por veneração aos santos, geralmente dispensando o pároco ou o clero. O negro escravo convertera-se e sincretizaram sua religião. Construíram igrejas para seus patrões e também para eles próprios. A Igreja não poderia permitir tal coisa, e no final do século XIX foram enviadas Congregações Missionárias a fim de proibir as festanças e procissões festivas dedicadas aos santos. Construíram-se mais Igrejas, seminários e a partir de então, o catolicismo aqui se tornou apolíneo e sóbrio demais.

Evangélicos, pentecostais, espíritas, daimistas, umbandistas, kardecistas, católicos...muitas das religiões hoje no Brasil, se dão de forma sincrética, a absorverem de outras culturas o que para elas lhe convém. Para Wesley Aragão "as religiões de transe, ou mais, o estado de ser dionisíaco, é uma força polar, um oposto-complementar, do estado de ser apolíneo e das religiões cerebrais dogmáticas apolíneas. A humanidade como um todo, precisa das duas polaridades." A brasilidade consegue agir com mais facilidade com este "afluxo dionisíaco" do que com a europeidade, por um contexto de características históricas e étnicas.

6.3. O reconhecimento cultural

"Somente o fato de que o indivíduo viva sintonizado com sua Cultura, com a alma de seu povo, conhecendo o processo histórico e espiritual de sua formação, e compreenda com toda a profundidade e com toda a simpatia de sua alma a ânsia da Anima Brasillis, esta atitude já é um processo de harmonia entre um logos pensante e um Eros vivente".(MORAES, 40)

A oportunidade de sermos brasileiros nesta época é única. Encarar as fatalidades desses encontros, ainda é novo para muitos que aqui vivem e carregam em si muitas amarguras do passado. Seja por saudade, frustração e também, e talvez principalmente, de muita dor. E ainda porque, muitas dessas individualidades ainda não perceberam em si, a amálgama das diversas individualidades unidas a essa terra, que é comum a todos que aqui fazem parte desta nação. Mas com certeza isso não se deve ao acaso. Como vimos, existe uma teia espiritual sobre nós, encarregada a nos impulsionar para uma grande tarefa. Quem sabe parte da história do Brasil existiu para que possamos absorver o que se deve sobressair dela, e a partir daí alimentar e vivificar nossa alma a partir de uma autocognição étnica.

Não será necessário nos tornarmos umbandistas, grandes filósofos, ou seja lá o que for. É preciso estarmos abertos espiritualmente, pacificamente e com harmonia, percebendo os opostos lado a lado, como confluência e não confusão. Ao percebermos a mistura e a diversidade de saberes, culturas, quereres, numa terra farta, cheia de gente que transborda conhecimentos relacionados à natureza (também sobre sua própria natureza) e também sobre sua comunidade; de um sentir musical, de comida boa, de intelectuais, artistas e criadores; ciências, leis e filosofias que aqui se formaram; se olharmos com o coração, quem sabe nossa alma se acalme, se aproprie do que também está no seu vizinho, nos tornemos numa comum-unidade cultural. De coração.

7. CONCLUSÃO

A alma do raciocínio é o meio por onde o homem formula seus pensamentos, transformando suas impressões sobre o mundo que o rodeia. Vimos que existe uma teia espiritual de seres superiores que age diretamente sobre a alma do raciocínio dos seres humanos, ou melhor, sobre parte dela. Parte esta que impulsiona, entusiasma o ser humano a realizar suas tarefas. Alguns seres agem mais fisicamente, outros animicamente. E isso se dá somado a aura etérica terrestre que este ser humano ocupa. Então temos parte desta alma agindo pelo eu de cada individualidade, e outra parte, podemos dizer, influenciada por seres espirituais. Por sua vez, vimos também que a pedagogia waldorf valoriza ações que partem deste impulso transformador. Ela pretende atingir no jovem essa mesma região da alma onde os conceitos são germinados, são vivos, envoltos pela vontade.

A cultura popular vivifica o que existe de sagrado, de espiritual, pois ela reflete de maneira material e imaterial, a interação de seres espirituais superiores com os seres humanos nas diversas regiões terrestres ocupadas pelo homem. Ela age através do sentir; pela imaginação ela busca o sentido da verdade, e transforma sua ação através da vontade. A importância de uma autocognição étnica é pelo fato de podermos agir ao sentir o mundo que nos cerca, a partir do reconhecimento de quem sou pelo o que me fez também o que me rodeia. O reflexo de nossa cultura também é, em parte, reflexo de quem somos. Se buscamos dentro da pedagogia waldorf um desenvolvimento integral do ser humano, é de valor acrescentar-lhe além de elementos que são inerente a toda humanidade, elementos da terra em que se vive, dando-lhe ferramentas para aprender com o que produz e produziu a soma das individualidades da região terrestre em que vive seu próprio povo. Ao que parece a primeira vista potencializar a divisão da humanidade em povos e valorizar essa "separação", ao contrário estaremos potencializando quem somos, entendendo o espaço que ocupamos, para um progresso individual, o qual desencadeará um progresso da humanidade e espiritual. Somos nós o campo de trabalho dos seres espirituais. Ao entendermos esse processo, perceberemos também que a humanidade é

uma só, mas que para evoluir é necessário primeiro compreender quem se é etnicamente. Considerar-me também como povo, pertencente ao coletivo, em parte, é me considerar muito mais do que somente eu.

Muitos processos da pedagogia waldorf já trabalham com elementos da cultura dos povos, como foi visto: a transmissão de conhecimento por oralidade, o fazer com as mãos (trabalhos manuais) como também disposição ao meio artístico, contação de histórias, fazer o próprio alimento. São elementos que se revelam para toda e qualquer cultura, é inerente a humanidade. Poderíamos dizer que são elementos , de certa forma, espirituais, trazidos pelos Espíritos do Tempo, e que trazem em si o que ficou de bom e verdadeiro, e que permaneceram por uma vivificação dos sentimentos da alma.

Mas percebemos também a importância em encontrarmos uma autocognição étnica, para também estarmos atuando a outros seres espirituais que colaboram com nosso progresso: os Arcanjos e Espíritos dos Povos. Para tanto, pedagogicamente, a necessidade de encontrarmos elementos que trazem em si o melhor das recordações do passado de um povo, que vivem nas almas de hoje, e pode confluir o que existe de bom e belo. A união destes elementos trabalhados com o aluno da pedagogia waldorf, servirá de impulso para suas próprias buscas interiores, e de uma consciência de pertencimento a uma comunidade étnica, a qual deve evoluir a partir das individualidades para o todo que o rodeia.

A Anima Brasilis propõe reconhecermos a alma brasileira e como essa veio ao mundo. Dizer que índio e negro não tem alma, isso sim é coisa do passado. Antes de julgá-la, como fizeram (e ainda muitos o fazem) reconhecer o que há de belo e verdadeiro, reconhecendo e valorizando o que já nos foi apresentado, pela diversidade fluida que certamente vive em nós brasileiros.

Portanto, não vamos pular etapas. Queimar o que é passado, está primeiro em agir com que nos é mais íntimo, para depois com o próximo e quem dera com o todo que nos rodeia. Assim é como acender uma chama interna, dar vazão ao calor que ela produz, iluminando a todos.

*"A cultura popular é a luz, a lanterna que guia o imaginário de um povo,
para encontrar os seus e cumprir o seu destino"*

7.1. Considerações finais

Neste ano tive a feliz oportunidade de participar de uma festa de São João na Escola Waldorf Turmalina, em Curitiba. Festa da Lanterna e a brincadeira do boi de mãos dadas. Foi realmente um encontro de muita satisfação ver a felicidade daquelas crianças de divertindo com o brinquedo do boi, e depois, todos caminhando pela escola com suas lanternas, para chegar na fogueira, que para mim foi um momento da mais eterna comunhão. Depois, embalados por um trio finíssimo de forró, orquestrados pelo Seu Pita, mestre da sanfona do interior do Paraná, Leandro, percussionista curitibano, outro dia tocador de trompa da orquestra sinfônica do Paraná e, nos vocais, Ariel, o cubano radicado em Curitiba, a festa deu pano pra manga, com essa formação da melhor qualidade! Oferecendo comida baratinha, conversa boa com quem nem se conhecia outrora, música, dança e boas risadas. Por dias meu filho cantou “São João, São João, acende a fogueira do meu coração...”

**Marta Teixeira, psicoterapeuta antropósofa que me impulsionou e acompanhou intimamente a realização deste trabalho.*

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8.1 Livros

CORREA, Roberto, Lia Marchi, Juliana Saenger: *Tocadores: homem, terra, música e cordas*; Brasil, Olaria, projetos culturais, 2002, 335p.

LANZ, Rudolf: *Pedagogia waldorf: A Pedagogia para um ensino mais humano*, São Paulo, Ed. Antroposófica, 7ª edição, 2000, 247p.

LARAIÁ: Roque de Barros: *Cultura, um conceito antropológico*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 16ª edição, 2002, 117p.

MORAES, Wesley Aragão: *Anima Brasilis, o espiritual da brasilidade*, 53p

MORAES, Wilson Moraes: *Folclore Básico- orientação para trabalhos escolares*, São Paulo, Ed. Esporte Educação, 1974, 95p.

RIBEIRO, Darcy: *O povo brasileiro- A formação e o sentido do Brasil*, São Paulo, Ed. Schwarcz, 2ª edição, 475p.

STEINER, Rudolf: *A Arte da Educação- I*, São Paulo, Ed Antroposófica, 3ª edição, 2003, 158p.

STEINER, Rudolf : *Teosofia*, São Paulo, Ed. Antroposófica, 7ª edição, 2004, 151p.

STEINER, Rudolf: *A Missão dos Povos*: livro de Steiner lançado pelo grupo Pindorama, grupo de estudos sobre a alma brasileira baseada na antroposofia, na internet (www.humanizar.com.br) por sua não reedição. Faltam referências bibliográficas.

8.2 Textos

BRANDÃO, Carlos Rodrigues: *Festas Populares Brasileira*

CARVALHO, Jorge de Carvalho: *As artes sagradas afro-brasileiras e a preservação da natureza*

8.3 Revistas

Revista RAIZ, Cultura do Brasil, Entrevista: *Popular e Erudito*

Revista Continente, Documento, Entrevista *Folclore, o pensar, sentir e agir do povo*

8.3 Sítio na internet

www.humanizar.com.br/ sobre o grupo Pindorama

8.4 Outros

12 anos de pesquisa, observação e participação da cultura do povo brasileiro, fazendo disto razão de minhas buscas, resultando em produtos artísticos e de incessante procura por respostas.

04 anos de estudos sobre a antroposofia e pedagogia waldorf, da onde surgiram importantes encontros humanos, e também importantes anotações.